

Futuro nas mãos dos decisores políticos portugueses

Indústria do Espaço: Sector Português com liderança mundial

Por António Neto da Silva*

- Investimento do Estado reclamado pelo setor para os próximos três anos é o equivalente ao custo de três quilómetros de autoestrada
- Cada euro investido induz um fator multiplicador de dois no rendimento do País
- O valor acrescentado por colaborador é de 4 vezes a média nacional
- O sector é 100% exportador, sem consumos intermédios importados.
- Dado o elevadíssimo nível do conhecimento acumulado pela nossa Indústria, em algumas áreas sendo único a nível mundial, a Agencia Espacial Europeia não lança, nesses casos, concursos e entrega os projectos por ajuste directo às empresas Portuguesas.
- Pela exclusividade da sua tecnologia e nos projectos em que essa tecnologia é “core”, este é o único Sector onde as empresas Portuguesas, em geral de pequena dimensão, subcontratam gigantes como a Alénia, Thales, etc. As empresas Portuguesas são “primes” e os gigantes Europeus nosso subcontratados.

Neste enquadramento,

Os decisores políticos portugueses vão ser chamados a fazer, em novembro próximo, opções estratégicas e, por isso, determinantes para o futuro da Indústria do Espaço no nosso País. Em causa está a reunião Interministerial da Agência Espacial Europeia (ESA), onde cada Estado membro será chamado a assumir compromissos de investimento para o próximo triénio (2013-2015), nomeadamente através da subscrição dos chamados Programas Opcionais da ESA que melhor se adaptem às necessidades e à capacidade de resposta das indústrias espaciais nacionais.

Temos a convicção plena de que os nossos decisores políticos já interiorizaram a enorme importância da participação de Portugal na ESA e queremos acreditar que terão também compreendido a decisiva necessidade da aposta na subscrição dos seus Programas Opcionais, assegurando assim o desenvolvimento futuro de uma Indústria que, embora desconhecida do cidadão comum, tem uma influência decisiva na melhoria da sua quotidiana qualidade de vida – isto para além de estarmos a falar de investimentos com retorno garantido em valores muito acima da média. Uma Indústria que está nas 6 tecnologicamente mais avançadas do mundo e que tem Portugal como líder mundial em alguns dos seus nichos.

De facto, está comprovado que todo o investimento realizado neste setor a nível internacional retorna a breve prazo ao País e à sua Indústria, sendo certo que cada euro investido induz um efeito multiplicador de dois no rendimento nacional, para além de que o valor acrescentado bruto produzido por cada colaborador deste sector é quatro vezes superior à média nacional.

É pois esta realidade que os decisores políticos deverão ter em conta quando, em Novembro próximo, chegar a hora de decidir sobre o futuro das indústrias do Espaço em Portugal.

Consciente das dificuldades financeiras que o País enfrenta, a PROESPAÇO (Associação Portuguesa das Indústrias do Espaço) solicitou ao Governo que recupere agora o nível de investimento estatal nos programas da ESA realizado em 2005, ou seja, com correcção monetária, qualquer coisa como €36 milhões para todo o triénio – um valor equivalente ao custo de três quilómetros de auto-estrada...!

É evidente que quem trabalha neste sector de actividade, líder mundial de tecnologia, tem a esperança de ver Portugal, no futuro, avançar nos seus patamares de desenvolvimento e investir no Espaço a mesma percentagem do PIB que é aplicada pelos países da ESA mais desenvolvidos. Mas, agora, em tempo de crise financeira do Estado, urge acima de tudo manter a chama viva – o mesmo é dizer que importa salvar o investimento e o know-how acumulados ao longo dos últimos doze anos, desde a entrada do País na ESA em 2000.

Trata-se pois de salvaguardar um sector de actividade em que Portugal atingiu já um elevado patamar de qualidade reconhecido e elogiado a nível internacional. Um sector tecnológico dos mais evoluídos, servido por algumas centenas de quadros técnicos de excepcional qualidade, cerca de um terço doutorados, que se veriam obrigados a emigrar para outros mercados, com o desperdício de muitos milhões de euros investidos pelo País na sua formação. Aliás, a superior capacidade e criatividade dos nossos técnicos fazem deste sector um nicho de excelência em Portugal, comprovado pelo facto de a Agência

Espacial Europeia, em muitos casos, adjudicar a empresas portuguesas programas por ajuste direto, ou seja, sem concurso, porque as considera as melhores do mundo nas áreas em que trabalham.

O País não pode perder este capital de qualidade e prestígio, para além de que não faria qualquer sentido abandonar um movimento que nos conduz aos mais ambiciosos programas de tecnologia de ponta mundiais, com enorme impacto na melhoria da qualidade de vida das populações, mesmo que estas disso não se apercebam.

É a construção da inteligência dos satélites pelas indústrias do Espaço, bem como a fabricação de hardware relevante que os integra, que nos permite o acesso a soluções hoje tão usadas como o GPS e a detecção de navios ilegais em águas Portuguesas, ou tão importantes para a economia como os alertas atempados para o risco de fogos florestais em áreas atempadamente identificadas, para o avanço da desertificação ou a optimização dos sistemas de rega dos terrenos agrícolas, só para citar alguns exemplos.

Portugal, para evoluir, tem que apostar neste que é um dos sectores com maior elasticidade-rendimento da procura mundial.

*Presidente da Direcção da PROESPAÇO